

Memória em arte

Num momento em que a pauta das universidades federais tem sido marcada por cortes, restrições e recuos, a UFRGS tem um motivo para alegrar-se: o projeto do *Et Alii*, órgão auxiliar do Instituto de Artes, dá mais um passo para iniciar o trabalho de digitalização de documentos e obras. Se, neste começo, o foco está nas artes visuais, o plano é que, em breve, sejam incluídas outras áreas, como música e teatro. Aprovado em março de 2012 pelo Conselho Universitário e tema de capa na edição de abril de 2013 do JU, o assunto volta à luz, agora, para tornar-se concreto.

Inicialmente, Alfredo Nicolaiewsky, Anico Herskovits, Mário Röhnelt e Paulo Gomes integram o corpo de artistas cujas coleções serão, aos poucos, organizadas pela Universidade. Futuramente, esse material será doado à instituição. A primeira fase inclui uma exposição que estará em cartaz a partir deste mês no Centro Cultural, recém-inaugurado no Câmpus Centro, e um processo de digitalização e catalogação dos acervos que compreendem mais de 4 mil itens, incluindo a produção própria, obras de outros artistas e documentos de pesquisa. A intenção é que mais acervos sejam absorvidos pelo *Et Alii* já logo depois do começo das atividades – há, até mesmo, disposição de doação por parte de herdeiros de artistas, compositores e outros.

Para dimensionar essa história, procuramos os artistas envolvidos – Mário Röhnelt, no entanto, não pôde participar por questões de saúde. A reportagem também apresenta exemplos de acervos que estão sob a guarda de universidades, a fim de oferecer insumos para uma reflexão sobre a manutenção e organização de materiais em instituições de ensino superior e de pesquisa.

TEXTO BÁRBARA LIMA, EVERTON CARDOSO E FELIPE EWALD

FOTOS FLAVIO DUTRA E ROCHELE ZANDAVALLI

Acervos em constante crescimento



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM



FLÁVIO DUTRA/ARQUIVO JU - MAR/2013

O *Et Alii* – nome que vem da palavra latina usada para indicar que um texto tem mais autores – surgiu de uma brincadeira entre um grupo de amigos, quase todos envolvidos com artes visuais, que costuma se reunir uma vez por mês para jantar nhoque. “Nas exposições, nós sempre éramos os ‘outros’. Eram o Iberê Camargo, o Xico Stockinger, o Vasco Prado e outros’. Por isso o nome”, diverte-se Anico Herskovits sobre a sensação que tem desde que, artista jovem e iniciante, partilhava espaços de visibilidade com seus pares já reconhecidos. Ela elabora: “Percebemos que nós quatro não teríamos, individualmente, condições de ter uma fundação, mas possuímos acervos bem significativos. Num desses jantares veio a ideia de criar o *Et Alii*”. A grande questão, para os artistas, é o que pode acontecer com seus trabalhos e coleções no futuro, já que não têm herdeiros e anteveem a possibilidade de suas coleções serem desmanteladas, partilhadas e comercializadas. Um caso recente, nesse sentido, foi o material deixado pela artista e ex-professora da UFRGS Cristina Balbão – cuja história foi registrada em matéria no JU em julho de 2011. Quando ela faleceu, sua coleção não teve um destino único e, dessa forma, desfez-se o sentido de unidade daqueles objetos que traduziam o pensamento e representavam indícios de uma trajetória profissional e artística.

No caso dos quatro artistas que ora iniciam o processo de doação de seus acervos para a UFRGS, o que existe é um número significativo de obras de arte, livros e outros documentos que eles acomodam em seus apartamentos e até em residências de amigos que se oferecem para fazer a guarda. Para se ter uma dimensão da necessidade de organização e manutenção desse material, basta mencionar uma situação enfrentada por Anico faz pouco tempo: encontrou fungos em uma de suas gravuras, o que pode representar a perda total de uma obra do gênero. “Tenho medo que as pessoas descartem, porque ninguém iria ficar com algo com fungo. Mas o que produzimos é a nossa vida”, preocupa-se. Essa também é a inquietação que move Alfredo Nicolaiewski a levar adiante a iniciativa: “Gostaria muito que existisse esse lugar de preservação, eu ficaria mais em paz. Não tenho certeza se o meu trabalho é tão bom assim, mas é o que eu fiz. Isso é a minha vida. Então, gostaria que fosse preservado”.

A escolha da UFRGS para doação em vez de um museu é um consenso. Segundo Paulo Gomes, deve-se a uma maior perenidade desse tipo de instituição. “A Universidade, em tese, preza pelo conhecimento, e os projetos consolidados têm continuidade, independentemente de quem ganha as eleições. Nós temos um curso de História da Arte aqui, e os alunos se interessam pela arte gaúcha, mas ainda temos muitas lacunas no tempo, algo que o acervo pode ajudar a preencher”, justifica.

Paulo Gomes, Alfredo Nicolaiewski, Anico Herskovits e Mario Röhneit em suas residências, onde mantêm seus acervos pessoais

Acúmulo e diversidade

A necessidade de um espaço mais apropriado para guardar o acervo de Alfredo é entendida imediatamente por quem entra no apartamento situado no bairro Bonfim. É preciso tomar cuidado ao caminhar, porque os cômodos são cheios de objetos artísticos no chão, nas paredes e nas prateleiras. Na sala, estão penduradas pinturas de paisagens dos séculos XIX e XX que evidenciam a sua apreciação pelo gênero. Há, entre elas, uma variedade que inclui quadros dos pintores gaúchos Libindo Ferrás, Pedro Weingärtner e Oscar Boeira. No sofá, mais obras empilhadas – destaca-se um medalhão de cerâmica de cerca de 50 cm da Fábrica de Faianças Artísticas Bordallo Pinheiro, cujo valor histórico e artístico é significativo. No chão, banquinhos feitos por designers e artistas de diferentes partes do mundo. Numa peça que fica ao lado da cozinha e tem porta para a sala de jantar, o artista armazena parte importante de sua coleção, no que se parece muito a uma reserva técnica de museu. Lá, há gavetas abarrotadas e muitas obras acondicionadas em plástico bolha, como se prontas para serem transportadas, tudo

para manter a coleção intacta. Quando provocado sobre o registro de seu acervo, é categórico: não há praticamente nenhum sistema de inventário e organização.

“Ainda não paramos; compramos nas galerias, em leilões, no brique”, diverte-se sobre o fato de seguir adquirindo mais obras, apesar da limitação espacial. A mais recente compra foi um caderno de desenhos do artista sul-rio-grandense Pedro Weingärtner (1853-1929). “Estava na galeria, perdido entre milhares de coisas!”, exclama. E sentencia com a experiência de quem já conseguiu recuperar muitas raridades até mesmo nas circunstâncias mais improváveis: “Procurando, é possível achar obras incríveis”.

Gravurista com passagem como professora de sua especialidade no Instituto de Artes, Anico tem um acervo majoritariamente composto por gravuras dela e de outros artistas, além de aparatos e ferramentas necessários a essa técnica. Em 2013, Mário Röhnel avaliou, em reportagem feita pelo JU: “O que acho interessante no trabalho da Anico é que ela faz muitos desenhos preparatórios. Mas ela já

colocou muita coisa no lixo por não ter onde guardar”. Esse descarte é confirmado pela artista, que relata já ter doado a pessoas próximas pastas com estudos que, depois, resultam em obras. “O *Et Alii* é para isso, para guardar esse tipo de material”, destacou Mário naquela ocasião em que o órgão era apenas uma intenção e um texto aprovado por uma instância universitária.

O acervo que Mário destina ao *Et Alii* inclui o de Milton Kurtz (1951-1996) e também tem uma relevância bastante específica: traz um conjunto de obras e documentos que permitem a recuperação de uma movimentação significativa da produção artística sul-rio-grandense sobretudo entre os anos 1970 e 1990. Uma das experiências mais relevantes que se pode acessar a partir desse material é o Espaço N.O., um coletivo que agitou a cena local e posicionou artistas que pretendiam romper com a lógica dominante naquele momento. “Lá aprendemos a nos tornar artistas e pessoas públicas, atuantes a partir das nossas profissões e vocações”, declarou Mário cinco anos atrás ao JU.

Registros históricos

No apartamento de Paulo, a infiltração nos dias de chuva se soma à falta de espaço para manter de forma mais adequada os documentos que ele acumula em seu arquivo. Além disso, os livros tomam conta do escritório e da sala. Há de tudo referente à arte, em especial à produção feita no Rio Grande do Sul. Nas gavetas, estão documentos dos mais diversos tipos e cuja aparente desordem, no fundo, explicita um anseio de registro do que acontece no campo artístico. Há, por exemplo, convites e cartazes impressos de exposições. Ele faz questão, inclusive, de mostrar alguns que são em si obras de arte, pois são gravuras criadas especialmente para esse fim. “Essas coisas não podem ir fora. Hoje em dia, quem está guardando os convites digitais de exposições? Isso pode deixar buracos na história da arte gaúcha no futuro”, alerta.

Para demonstrar a importância de se manter uma coleção como a que acumulou, o docente do Instituto de Artes da UFRGS também cita o caso da revista *Artis*, que teve sete números no início dos anos 1980. “Hoje se alguém for procurar essa publicação, não encontra”, avisa. A partir do material que coletou, entretanto, ele conseguiu

produzir um artigo que agora registra a existência desse periódico e traz elementos para se entender o lugar que ele ocupa no percurso histórico das artes visuais na capital.

Ainda, entre as lacunas que podem ser preenchidas com o material que guarda, o pesquisador aponta a questão dos pintores negros no Rio Grande do Sul, já que há um silenciamento quase generalizado sobre o tema. Entre os casos mais notórios está Wilson Tibério (1920-2005), que, voltado para temáticas afro-brasileiras, transitou pelo Brasil, pela Europa e pelos Estados Unidos. São temas que carecem de uma pesquisa mais aprofundada e sobre os quais Paulo busca juntar material a fim de subsidiar a escrita. “Você precisa catalogar e ter documentos para saber quem pintava em determinada época. Existiam negros pintando? Mulheres?”, sintetiza sobre um processo que, depois, tem como resultado a história da arte.

Em se tratando de artistas e suas trajetórias, também está em jogo a possibilidade de nomear e ajustar títulos de diversas obras relevantes para a história da arte no Rio Grande do Sul. “Uma vez encontramos pinturas do Libindo Ferrás, um dos criadores do Instituto

de Artes da UFRGS, que estavam identificadas como *Paisagem 1*, *Paisagem 2*, etc. Achamos estranho, porque, em 1910, ninguém chamava assim. Depois de pesquisar, descobrimos que os títulos verdadeiros faziam referência ao movimento simbolista, como *Nuvens de estio*. Eram títulos maravilhosos”, conta.

Também pelo acervo artístico, sua coleção é relevante. Na sala, em destaque, é possível ver duas de suas predileções: pinturas com retratos e autorretratos e uma seleção de cerâmicas de artistas gaúchos dos anos 1950 e 1960. No corredor, aramados abrigam uma coleção de quadros; no fundo da peça, também ele conserva uma espécie de reserva técnica, onde estão armazenados objetos diversos, como desenhos do século XIX. Para se ter noção da diversidade do acervo, basta citar que há trabalhos de artistas tão diversos como o ítalo-brasileiro Eliseu Visconti (1866-1944), responsável por obras como a pintura do teto do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e a gaúcha Alice Soares (1917-2005), desenhista e gravurista conhecida por suas séries que retratam ‘meninas’ e que também atuou como professora da UFRGS.

Uma referência internacional

A localização e organização de acervos não é uma questão apenas para artistas porto-alegrenses. Um caso que pode servir de parâmetro para se dimensionar o quanto esses processos são complexos e trabalhosos é o do pintor fluminense Candido Portinari (1903-1962). Mundialmente famoso por trabalhos como *O lavrador de café*, *Os retirantes* e, sobretudo, pelos painéis *Guerra e Paz*, que estão na sede da ONU, em Nova York, teve seu legado recuperado a partir da iniciativa de João Portinari, seu filho.

Até o momento, o fruto mais importante dessa tarefa foi a elaboração de um catálogo raisonné, livro que reúne toda a obra de um artista. Durante 25 anos, João se dedicou a localizar as 5.400 obras de arte do pai, muitas delas pertencentes a colecionadores estrangeiros. De acordo com o professor aposentado de Matemática da PUC Rio, a ideia surgiu quando, ao viajar para Nova Iorque, percebeu que o Museu de Arte Moderna (MoMA) tinha mais informações sobre o trabalho de Portinari do que qualquer instituição brasileira. “Decidi iniciar esse projeto, e foi algo extraordinário! Tivemos muito apoio. Quando as pessoas dizem que o Brasil não tem memória, isso não é verdade”, reflete.

Para publicar os cinco volumes lançados em 2004, a equipe teve de ir atrás das obras em mais de vinte países. O projeto teve apoio de entes públicos, como a Finep e o Ministério das Relações Exteriores, de órgãos internacionais, como a Unesco e a ONU, e também de empresas, caso da companhia aérea Varig – cujas atividades se encerraram em 2006. “Mesmo o México, que é apaixonado pelos

seus pintores, não conseguiu o que fizemos naquela época”, pondera João.

Além do catálogo, o projeto Portinari, que hoje conta com um espaço na PUC Rio, possui mais de 30 mil documentos, 6 mil cartas que o artista trocou com seus contemporâneos, 1.200 fotos e 130 horas de gravações com entrevistas. Esse material, de acordo com João, atualmente está organizado e disponível para ser utilizado por pesquisadores e tem resultado em pesquisas de mestrado e doutorado. Parte importante disso, inclusive, está disponível no site do projeto. A equipe – que já foi de 15 pessoas, mas agora conta com apenas três – atende investigadores que vão ao acervo, ministra palestras e faz exposições itinerantes nos lugares mais remotos do país. Mais recentemente, a iniciativa tem tido um acento pedagógico, segundo João: “Tínhamos que dar um propósito para tanto trabalho, então o projeto também leva a arte a crianças e jovens”.

Para João, que estará na UFRGS este mês para uma conferência no Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA), o resgate não é apenas de um artista visual, mas de alguém que retratou com muita propriedade o seu país, um material que não poderia se perder no tempo. “Eu olho as 5 mil obras e vejo temas sociais, históricos, religiosos, temas da cidade, do campo, de festas populares. Um grande e majestoso retrato do Brasil”, avalia. O resultado de anos de pesquisa emociona o filho do pintor: “Para mim, o Projeto Portinari já virou uma forma de viver. Foi um salto no escuro. Meus amigos achavam que eu estava louco, mas hoje eu vejo como valeu a pena”.

Conservar e refletir



FOTOS: ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

Obras dos acervos de Alfredo, Anico e Paulo

A relação de universidades brasileiras com acervos de artistas e intelectuais não é um fenômeno recente. Em 1962, por exemplo, criava-se, na Universidade de São Paulo (USP), por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), cujo acervo, atualmente, é formado por 91 fundos e coleções, além de documentações avulsas. Ao todo, são aproximadamente 450 mil itens no Arquivo, que organiza documentos textuais e audiovisuais, 180 mil livros na Biblioteca e 8 mil objetos na Coleção de Artes Visuais, a qual reúne desenhos, gravuras, óleos, aquarelas, esculturas, matrizes, objetos tridimensionais, além de uma seção de Cartografia Histórica. Entre outros, estão representados os artistas Alberto Guignard, Anita Malfatti, Candido Portinari, Cícero Dias, Clovis Graciano, Emiliano Di Cavalcanti, Ismael Nery, Livio Abramo, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Tarsila do Amaral e Victor Brecheret.

Segundo informa o vice-diretor do instituto, Paulo Iumatti, a relevância da coleção é expressa pela quantidade de empréstimos nacionais e internacionais – mais de 170 obras entre 2014 e 2016. Na sua opinião, a universidade é um local fundamental para que esses acervos sejam revertidos à sociedade por meio de uma reflexão crítica sobre o patrimônio cultural, artístico e intelectual do país.

Artes visuais – A Coleção de Artes Visuais do IEB se formou a partir de 1968, com a aquisição do acervo Mário de Andrade. Na sequência, foram sendo incorporados acervos pessoais de outros escritores, intelectuais e artistas, seja por intermédio de doações e compras, seja como resultado do trabalho de pesquisa dos docentes ligados ao instituto.

Além dos trabalhos, há também itens que refletem o processo de produção dos artistas. Paulo Iumatti destaca o fundo arquivístico e a coleção Anita Malfatti. O primeiro, com cerca de 2 mil documentos, inclui textos, manuscritos, cartas, diplomas, catálogos de exposições, livros de assinaturas dos visitantes, recortes de jornais, fotografias familiares e de obras de arte. Já a coleção contém matrizes de gravura em metal, cadernos de desenhos, quadros sinóticos e desenhos preparatórios.

Ainda que não divulgue o valor investido pela USP no instituto, o vice-diretor garante que o laboratório de conservação e restauro tem toda a infraestrutura necessária para a manutenção do acervo. Além disso, acrescenta, o IEB acaba de se mudar para um prédio que possui amplas condições de acomodar

novas doações e aquisições – “embora tenhamos no momento um quadro excessivamente restrito de funcionários técnicos”, adverte.

A estrutura do IEB inclui, ainda, um setor de digitalização que conta com um documento balizador em que estão estabelecidos os padrões adotados no instituto para criação dos arquivos digitais e sua disponibilização online. Essa profissionalização do acervo passa também pela redação, em 2009, da *Política de acervo para o IEB*, em que constam as diretrizes que regem a decisão de incorporar novas coleções e o planejamento em relação aos itens sob sua guarda. A partir desse marco, o instituto assume o compromisso de garantir a plena disponibilização do material, seguindo uma política de universalização de acesso.

Escritores – No Rio Grande do Sul, encontramos instituições de guarda já consagradas, como o DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, mantido pela PUCRS, e o Memorial Jesuíta da Biblioteca da Unisinos, que recentemente recebeu o acervo do escritor, jornalista e músico Luis Fernando Verissimo, composto por 1.159 títulos de periódicos e 382 livros, além de manuscritos, rascunhos, originais com notas nas margens, esboços de cartuns, ilustrações inéditas e documentos audiovisuais.

A peculiaridade dessas instituições, como se observa pela doação mais recente, é sua ênfase em escritores e intelectuais, não contemplando artistas visuais. No Memorial Jesuíta, as coleções pessoais contêm documentos do romancista e ensaísta Vianna Moog e do ambientalista José Lutzenberger, por exemplo.

Conforme a bibliotecária da Unisinos, Vanessa Borges Nunes, embora a instituição esteja sempre aberta à oferta de doações, o espaço físico é limitado. “Portanto, todas as propostas são avaliadas mediante critérios definidos em nosso Plano de Desenvolvimento de Coleções”, explica. A infraestrutura disponível não permite realizar a restauração de obras, apenas garante a conservação adequada das coleções: monitoramento das condições ambientais e higienização simples das peças recebidas antes de serem incorporadas ao Memorial.

Para a universidade, reflete Vanessa, a relevância em manter os acervos está em tornar pública uma informação que antes ficava restrita apenas às famílias e a poucos conhecidos que tinham acesso à coleção particular de um artista ou intelectual. Assim, realça a bibliotecária, a instituição colabora para a preservação da história e para a disseminação artística e cultural.